

A INTIMIDADE DO NOME COMUM:

Difícilmente animais serão popularizados com base em seus nomes científicos - Uma reflexão à luz da Folkcomunicação e da Zoologia¹

Elidiomar Ribeiro Da-Silva²

RESUMO

Discute-se aqui como a nomeação popular dos animais, sob a ótica da Folkcomunicação, privilegia nomes que expressem relações culturais, afetivas e simbólicas, em detrimento da nomenclatura científica. Peixes-elétricos da Amazônia, como os gêneros *Rhamphichthys* e *Steatogenys*, exemplificam o fato de os nomes científicos não alcançarem o público fora da academia. A zoonímia popular cria designações mais acessíveis e duráveis na memória social, podendo favorecer a difusão e preservação do conhecimento zoológico no cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE

Biologia cultural; Gymnotiformes; Peixe-faca; Popularização; Zoonímia.

INTRODUÇÃO

Em suas bases cotidianas e populares, a relação entre seres humanos e os demais animais não se dá através dos códigos científicos, mas mediante construções simbólicas, afetivas e utilitárias que se cristalizam na linguagem comum. Quando Luiz Beltrão propôs a Folkcomunicação como campo voltado ao estudo dos processos comunicacionais populares e tradicionais (Beltrão, 1980; Amphilo, 2013), abriu espaço para se compreender também como o conhecimento zoológico transita fora das esferas eruditas e se refrata nas práticas sociais, linguagens e modos de nomear. Assim, mesmo em tempos de internet e, por conseguinte, fácil acesso à informação técnica, dificilmente um animal será incorporado ao imaginário popular apenas por seu nome científico; é no nome comum, na intimidade da oralidade e da cultura que ele pode se fazer reconhecido, nomeado e memorizado.

¹ Trabalho apresentado para o GT 2: Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizada de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Professor da Unirio. Doutor e Mestre em Zoologia, licenciado em Ciências Biológicas. Contato: elidiomar@gmail.com.

ZOOLOGIA, NOMINAÇÃO E POPULARIZAÇÃO

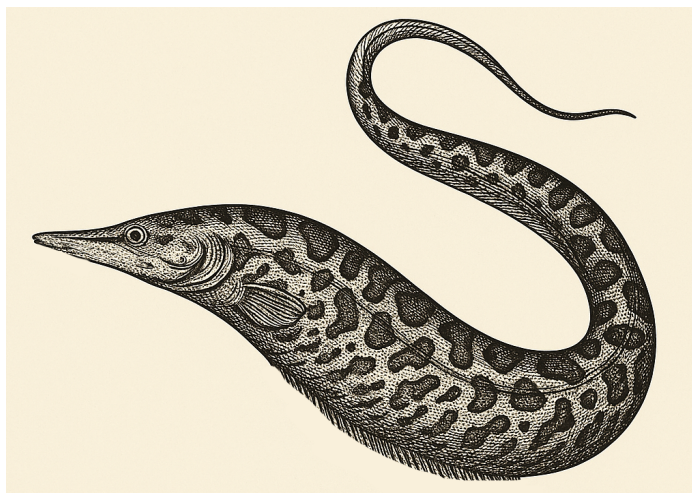
A Zoologia, enquanto ciência, segue princípios rigorosos na nomeação dos seres vivos animais, pautando-se no binômio latino instituído em 1758 por Lineu (o sueco Carl Nilsson Linnæus; e, após nobilitação, Carl von Linné, latinizado como Carolus Linnaeus – 1707-1778), através do sistema de nomenclatura binomial. Contudo, a comunicação popular não adota, nem pode ou pretende adotar, tal código técnico. A real é que, se o nome científico é ferramenta da ciência, o nome comum é recurso da vida social (Da-Silva, 2018; 2023). Como salienta Costa Neto (2008), no âmbito da Etnobiologia, o nome comum é parte de uma construção cognitiva e cultural que reflete as relações sociais, econômicas e simbólicas estabelecidas. O próprio Costa Neto (2025) discute a valorização da diversidade biocultural por meio do estudo dos nomes vernaculares de plantas e animais, ressaltando o diálogo entre etnociências e ecolinguística, e demonstra que fitonímia e zoonímia expressam conhecimentos etnoecológicos acumulados, que vão além da simples designação de espécies, incorporando aspectos culturais, espirituais, econômicos e práticos.

Por óbvio, o nome comum não é apenas signo linguístico, mas também cultural. E, como tal, não costuma obedecer a regras predefinidas, muito pelo contrário, em geral tem origem espontânea (Da-Silva, 2023). Ainda assim, contrariando essa espontaneidade, alguns zoólogos consideram ser importante tentar impor certas regras à forma como as unidades taxonômicas são conhecidas fora dos espaços acadêmicos, mas quase sempre isso não funciona lá muito bem. Há quem considere o nome científico dos seres vivos como suficiente para identificar as espécies na comunicação escrita e oral, mas a verdade é que só os especialistas conhecem essa nomenclatura, o que serve de justificativa para que se defenda a normatização dos nomes comuns (PAIXÃO, 2021). Quase sempre em vão (DA-SILVA, 2023).

Pode-se tomar como exemplos disso os peixes-elétricos sul-americanos da ordem Gymnotiformes, família Rhamphichthyidae, bem pouco conhecidos do grande público. Espécies como *Rhamphichthys rostratus* (Linnaeus, 1766) (Figura 1), *R. marmoratus* Castelnau, 1855, *Steatogenys duida* (La Monte, 1929) e *S. ocellatus* Crampton, Thorsen & Albert, 2004 são praticamente desconhecidas fora da academia científica. Seus

respectivos nomes científicos, de sonoridade estranha ao português popular, não geram qualquer ressonância cultural imediata. Nos contextos populares, esses peixes podem ser frequentemente denominados como “peixe-faca” ou “peixe-elétrico”. A resistência cultural à adoção de nomes científicos como elementos comunicacionais de massa se explica pelo caráter estrangeiro, não intuitivo e, por vezes, inacessível dessas designações. Como observa Beltrão (1980), a folkcomunicação opera a partir das práticas e signos que fazem sentido para o público a que se destina, e não a partir das convenções das elites intelectuais. Por isso, nomes como *Rhamphichthys pantherinus* Castelnau, 1855 não possuem, em tese, qualquer viabilidade comunicacional fora de círculos especializados, enquanto nomes como “peixe-faca-pantera” ou “peixe-elétrico-malhado”, não obstante informais e ainda não publicizados, poderiam ter muito maior potencial de fixação, difusão e popularização.

FIGURA 1: Concepção artística do peixe-faca *Rhamphichthys rostratus*.



Fonte: Original a lápis, aspecto de nanquim no ChatGPT e acabamento final no Photoshop.

A CONSTRUÇÃO FOLKCOMUNICACIONAL DOS NOMES

Beltrão (1980) traz que a folkcomunicação percorre a informação a partir das estruturas culturais e linguísticas próprias das camadas populares. Nesse sentido, a nomeação popular dos animais é, antes de tudo, uma forma de domesticar simbolicamente a natureza, transportando o estranho para o campo do familiar. O nome comum frequentemente surge da aparência, do comportamento, do ambiente ou de associações

afetivas, facilitando a transmissão oral e a memória social. Quando se analisa a ausência de nomes comuns para muitas espécies de Gymnotiformes, percebe-se que isso decorre da distância cultural entre esses peixes e as comunidades humanas, excetuando-se populações ribeirinhas amazônicas.

NOME, IDENTIDADE E MEMÓRIA

A fixação de um nome popular passa por critérios de sonoridade, imagética e funcionalidade cultural. Um nome deve comunicar algo relevante: aparência, uso, comportamento, mito, perigo. Não é à toa que os peixes-elétricos amazônicos mais conhecidos pelo público são os “poraquês”, como *Electrophorus electricus* (Linnaeus, 1766) (Gymnotidae) e afins, nome de origem indígena, com forte apelo cultural e referência direta à descarga elétrica que caracteriza o animal. Esse nome, e não o nome científico, tornou-se parte da memória coletiva amazônica e, amplificadamente, brasileira. A ponto de na década de 1990, conforme registrado por Da-Silva (2025), em pleno Centro da metropolitana cidade do Rio de Janeiro um camelô ter-se especializado na venda de supostos produtos terapêuticos alegadamente extraídos de tal peixe.

Segundo Costa Neto *et al.* (2009), a zoonímia popular articula os códigos culturais com a experiência sensível da natureza, criando pontes entre o mundo visível e o simbólico. Nomes populares funcionam como repositórios de saber ecológico, refletindo percepções sobre morfologia, comportamento, habitat e usos das espécies, e evidenciam o risco de desaparecimento desses conhecimentos diante da erosão linguística e cultural (COSTA NETO, 2025). No caso dos Gymnotiformes menores e mais discretos, como *Steatogenys duidae* ou *Rhamphichthys drepanium* Triques, 1999, a falta de designações populares não se deve à ausência de nomes científicos, mas à escassez de relevância simbólica e comunicacional para a maioria das pessoas. Isso confirma a assertiva de Beltrão (1980): a folkcomunicação não absorve signos que não lhe sejam úteis para traduzir, organizar ou preservar as experiências do grupo.

Ainda segundo Costa Neto (2025), além de comunicar características específicas das espécies, a atribuição de nomes populares constitui um processo de tradução simbólica que conecta a experiência sensorial ao universo cultural. Nessa perspectiva, a ecolinguística auxilia a compreender como a linguagem molda a percepção dos

ecossistemas e a folkcomunicação mostra por que certos signos – como “poraquê” – ganham força coletiva, enquanto outros permanecem restritos ao domínio científico. Esse contraste ilustra a seletividade cultural na nomeação: apenas os organismos com relevância simbólica, utilitária ou mitológica alcançam visibilidade na memória coletiva.

O fenômeno se repete em outros grupos taxonômicos. Entre insetos, por exemplo, marimbondos e abelhas recebem uma miríade de designações, associadas a morfologia, comportamento ou efeito da ferroada, enquanto espécies menos interativas permanecem anônimas para o grande público. O mesmo ocorre com plantas: algumas, como a “flor-mariposa” (*Hedychium coronarium* J. Koenig – Zingiberales: Zingiberaceae), são incorporadas ao imaginário popular, enquanto inúmeras espécies botânicas continuam sem nomes vernaculares. Assim, os nomes populares operam como marcadores bioculturais, revelando os pontos de interseção entre diversidade linguística e biodiversidade. Ao mesmo tempo em que facilitam a transmissão oral do saber ecológico, também expõem a fragilidade desse patrimônio, ameaçado pelo desaparecimento de línguas e práticas tradicionais (Costa Neto, 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nome comum é produto da convivência e da necessidade simbólica, não da ciência. A folkcomunicação, ao operar por vias orais, mnemônicas e afetivas, estrutura a nomeação zoológica popular em torno de critérios distintos dos da taxonomia científica. Nomes científicos, com sua gramática latina e precisão técnica, dificilmente adentram o campo da memória social espontânea. Animais só se tornam “conhecidos” quando ganham nomes que façam sentido culturalmente. O nome científico, salvo quando assimilado em contextos específicos, permanece à margem da comunicação popular e cultural.

Por isso, peixes como *Rhamphichthys marmoratus* continuarão desconhecidos da parte do grande público enquanto não forem recodificados em nomes que dialoguem com a folkcomunicação. Esse processo reforça que, bem mais que mera nomenclatura, nome é cultura. Informação que pode vir a ser considerada em práticas de conservação da biodiversidade, posto que um dos conceitos conservacionistas mais arraigados prega que

há maior engajamento na preservação daquilo que, efetivamente, se conhece. É, portanto, fundamental, mostrar, amostrar, divulgar e, principalmente, valorizar os nomes comuns.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria I. Fundamentos teóricos da Folkcomunicação. **Comunicação & Sociedade**, v. 35, n. 1, p. 89-110, 2013. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/274268428_Fundamentos_Teoricos_da_Folkcomunicacao. Acesso em 15 jul. 2025.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980. 280 p.

COSTA NETO, Eraldo M. Análise semântica dos nomes comuns atribuídos às espécies de *Passiflora* (Passifloraceae) no Estado da Bahia, Brasil. **Neotropical Biology and Conservation**, v. 3, n. 2, p. 86-94, 2008. Disponível em <https://revistas.unisinos.br/index.php/neotropical/article/download/5450/2686/17123>. Acesso em 15 jul. 2025.

COSTA NETO, Eraldo M. Valorização da diversidade biocultural por meio do estudo dos nomes vernaculares de plantas e animais. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 11, n. 2, p. 149-157, 2025. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/59263>. Acesso em 19 ago. 2025.

COSTA NETO, Eraldo M.; FITA, Dídac S.; VARGAS-CLAVIJA, Mauricio (Orgs.). **Manual de Etnozoología**. Una guía teórico-práctica para investigar la interconexión del ser humano con los animales. Valencia: Tundra, 2009. 286 p.

DA-SILVA, Elidiomar R. Flores com nome de bicho, bichos com nome de flor. *In*: COELHO, Luci B.N.; DA-SILVA, Elidiomar R. (Orgs.). II Mostra de Biologia Cultural: o Canto em Flor. **A Bruxa**, v. 2, n. especial 2, p. 50-51, 2018.

DA-SILVA, Elidiomar R. “Pomada Peixe-Elétrico, Pomada Peixe-Boi” – Breve ensaio comunicacional sobre produtos zoofarmacêuticos populares no Brasil. **Revista Barbante**, v. 13, n. 97, p. 54-58, 2025. Disponível em <https://bit.ly/PomadaElidiomar>. Acesso em 19 ago. 2025.

DA-SILVA, Elidiomar R. Flores com nome de bicho, bichos com nome de flor. p. 121-144. *In*: COSTA NETO, Eraldo M; FUNCH, Ligia S. (Orgs.). **Práticas investigativas em Etnobotânica: Distintos olhares, afins encontros**. Feira de Santana: Zarte, 2023. 369 p.

PAIXÃO, Paulo. **Os nomes portugueses das aves de todo o mundo: projeto de nomenclatura**. 2ª ed. separata, n. 1, suplemento d’«A Folha» n.º 66. Disponível em https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha66_separata1_pt.pdf. 2021. Acesso em 15 jul. 2025.